

Ao meu ídolo,
com amor...

Mariana Pereira

Ao meu ídolo, com amor

www.marianapereira.com

[2012]

Todos os direitos dessa edição reservados a

Mariana Pereira

mariana@marianapereira.com

Esta sou eu, rezando para que essa seja a primeira página, não onde a história termina. Meus pensamentos vão ecoar o seu nome até eu te ver de novo. Estas são as palavras que segurei ao ir embora cedo demais: eu estava encantada em conhecê-lo.

*Por favor, não se apaixone por outra pessoa.
Por favor, não tenha ninguém esperando por você.*

(Enchanted, Taylor Swift)

Para D.P., meu melhor abraço.

Prólogo

Certa vez me disseram que a vida não é um conto de fadas. E que eu não deveria viver como se fosse. Isso nunca foi um problema no meu caso, já que eu nunca acreditei em conto de fadas. O motivo é simples e o próprio nome diz: é de fadas! E elas não são seres desse mundo. São angelicais demais e boas demais para pertencerem a um lugar tão cruel. E também não tem como acreditar que, se você perder o seu sapato ou morder uma maçã envenenada, um príncipe vai aparecer na sua porta, se apaixonar instantaneamente e querer ser feliz para sempre ao seu lado e, de quebra, ele vai aceitar que você carregue sete anões na bagagem (ainda mais levando em conta que um só dorme, o outro só espirra e ainda tem um que vive reclamando). Tudo bem que eu adoraria viver num castelo com xícaras e armários falantes e aquele cachorro enorme. O príncipe, eu digo. Ele nunca me pareceu assustador, muito pelo contrário. Sempre senti vontade de abraça-lo. Mas a outra questão é que, nos contos de fadas, os protagonistas sempre saem felizes. Nunca foi mostrado, de fato, que, para uma pessoa sorrir, outra tem que derramar uma lágrima. Não quero parecer pessimista, mas é realidade. E a história de príncipes, princesas, bandidos e mocinhos, casas humildes e castelos perde completamente o encanto quando os olhos que vão derramar a tal lágrima não são os da bruxa má. São os seus.

Capítulo 1

14 de janeiro de 2009

Estacionei meu Mini Cooper preto em frente ao prédio de três andares, onde diversos estudantes de uma renomada Universidade da cidade de São Paulo residiam. Não era um edifício chique e estava longe de ter sua fachada bem cuidada, mas era próximo ao prédio onde nossa mais nova vítima estudava. “O que faz um apartamento aí valer uma fortuna”, pensei quanto esperava meu braço direito, melhor amigo e amante nas horas vagas se juntar a mim. Ian parou ao meu lado, mas mantive meus olhos no topo do prédio.

- Ela foi jogada do telhado? – perguntei.

- Os paramédicos acreditam que a vítima já se encontrava sem vida – respondeu o policial. – Disseram também que, apesar da altura, não é possível que ela tenha se machucado tanto somente com a queda.

- Mas é uma altura considerável.

Ele encolheu os ombros.

- Eles atribuíram a morte às marcas que ela tinha ao redor do pescoço.

- Houve luta então?

- Possivelmente.

Suspirei. Entramos no prédio e subimos as escadas. Ricardo, meu chefe, já me esperava, acompanhado do principal interessado no caso.

- Ana Maria – disse ele. – Esse é Bernardo Monteiro, namorado da vítima. E esta é Clara Silva, acho que é fã dele.

Estendi minha mão, mas fui ignorada. Desconfortável com a situação, a tal menina me cumprimentou e sorriu. Cruzei os braços.

- Rick, me atualize sobre o caso, por favor? – pedi sem tirar meus olhos de Bernardo. Ele não me era nada estranho.

- Estamos na casa de Isabella Corrêa, 20 anos, estudante de engenharia aeronáutica, namorada do ator há quatro meses. A perícia presume que o crime aconteceu há três horas e meia e as gravações das câmeras de segurança já foram levadas para a delegacia.

Ah sim. O ator mais querido das adolescentes.

- Obrigada, já é o suficiente – respondi e ele arqueou as sobrancelhas. Estendi minha mão esquerda e Ian me passou um bloquinho e uma caneta. – Senhor Bernardo, poderia me dizer onde o senhor estava há aproximadamente quatro horas?

Ele me olhou parecendo ofendido.

- Mas que porra é essa? – perguntou em tom elevado. – Tá insinuando que eu matei minha própria namorada?

- Não – respondi calmamente e com um sorriso cínico em meus lábios. – Só quero saber onde o senhor estava. Pode ficar tranquilo porque isso não é o suficiente para condena-lo. Mas se for culpado, logo saberemos. Agora me responda, onde estava há quatro horas?

Ele me olhou de cima a baixo e riu irônico.

- Só falo com o investigador responsável pelo caso.

Eu adorava meu trabalho, mas nada me dava mais prazer do que encher o saco de uma testemunha metida a besta. Puxei meu distintivo de investigadora de dentro da bolsa e coloquei a centímetros do nariz de Bernardo Monteiro.

- A.M.P? – ele leu as iniciais gravadas e me olhou confuso.

- Ana Maria Paviani – respondi. – Investigadora de polícia e o prazer é todo seu. Onde o senhor estava há aproximadamente quatro horas?

Ele me olhou desconfiado, empinou o nariz e estufou o peito.

- Só falo na presença do meu advogado – disse.

- E onde ele está? – perguntei olhando para os lados, vendo apenas homens de farda.

- Não chegou ainda – Bernardo respondeu.

- O senhor contratou um advogado que não o acompanha na cena de um crime?

Pela expressão em seu rosto, o ator se julgava incrível demais para responder qualquer a uma de minhas perguntas. Ricardo

sinalizou e Ian me tirou de perto, me levando para o andar térreo, local onde o corpo de Isabella estava coberto com um plástico preto. Alguns policiais me cumprimentaram assim que me viram, o que retribuí gentilmente, e nós rezamos baixinho. Eu não era uma pessoa extremamente religiosa, de frequentar missas, mas achava que era o mínimo de respeito desejar que a alma da vítima descansasse em paz, por isso sempre fazia uma prece rápida antes de começar a cutucar a ex-pessoa-agora-defunto. E eu nem sei se eles rezavam de fato, mas abaixavam a cabeça e respeitavam meu ritual. Ian retirou o plástico e eu suspirei.

- Nova, né? – perguntou ele.

- Demais – respondi. A menina estava com o rosto ligeiramente arroxeadado e marcas fortes ao redor de seu pescoço nos dava uma certeza: Isabella Corrêa tinha sido estrangulada. Mas com o quê?

- Ana? – Caio, o médico legista, me cumprimentou com um abraço. Esse devia ser o quinquagésimo caso que atuávamos juntos. – Bom te ver, apesar da situação.

- Só assim para nos encontrarmos, né? – sorri amigavelmente. – O que você acha? Por onde devemos começar?

- Bom – disse ele – é óbvio que enrolaram algo no pescoço da vítima para que ela ficasse desacordada. Mas pelo que reparamos nas marcas dos braços, ela resistiu e houve luta corporal.

Eu acompanhava atenta cada detalhe mostrado por Caio. Ainda teríamos um longo trabalho pela frente, mas a princípio Isabella

tinha sido estrangulada com fios finos, possivelmente de telefone ou elétricos. O que fazia sentido, já que, segundo informações colhidas por Ian, ela estava se preparando para uma feira de ciências e tinha esse material em casa. Lutou contra o assassino, o que lhe rendeu uma torção forte o suficiente para quebrar seu braço esquerdo.

- E como você sabe que ela já estava morta quando foi jogada? – perguntei.

Caio suspirou e colocou as mãos nos bolsos da calça.

- Mesmo com o impacto, a coluna não sofreu danos, apenas as costelas e a bacia – ele respondeu em tom ainda mais sério. – Se o objetivo de lançar a vítima janela a fora fosse o assassinato, ela teria sido jogada de cabeça e quebrado o pescoço, no mínimo. O que não aconteceu, caso contrário, ainda estaria viva para nos contar sobre sua noite um tanto quanto agitada.

- Ana, vem aqui – ouvi Ian me chamar. Pedi licença a Caio e fui até ele. – Tem alguma coisa na mão dela.

Abaixei-me ao lado do corpo de Isabella e olhei mais de perto. Um pedacinho de papel amarelo despontava por entre seus dedos. Vesti minhas luvas de silicone e, com cuidado, abri a mão e o retirei de lá.

- Ao meu ídolo, com amor... – li em voz alta e troquei olhares apreensivos com Ian e Caio. – Isso é um recado para o Bernardo.

- Santo Deus – murmurou o policial ao meu lado.

- Honestamente, Ana? – disse Caio. – Acho que essa história ainda vai dar muito pano para a manga.

21 de agosto de 2010

Acordar cedo em pleno sábado não era, nem de longe e nem brincando, minha atividade favorita. Menos ainda se o despertador fosse o celular de Ian, que tocava *Dancing Queen* sem parar. Abri os olhos e me deparei com o policial nu em minha cama, dormindo como uma criança. Cutuquei-o uma, duas, três vezes. Xinguei-o mentalmente e me levantei a procura do aparelho infernal pelo quarto.

- Merda – me joguei na cama e comecei a sacudi-lo com mais força. – Ian, acorda. É o Ricardo!

- Diga a ele que estou de folga hoje – ele resmungou com a cara enfiada no travesseiro.

- Atende logo essa droga, antes que eu faça isso e diga que você está se depilando!

- Tá maluca? Eu nem me depilo!

- Não me importo! Vai ser a piada do ano na corporação.

Irritado, Ian sentou em minha cama e atendeu. À medida que nosso chefe falava, seus olhos iam se abrindo mais e suas sobrancelhas subindo, até quase sumirem por entre os fios de cabelo preto que caíam por sua testa. Seus olhos estavam

preocupados quando encontraram os meus e ele desligou o telefone.

- O que houve? – perguntei ansiosa, já sentindo o cheiro de missão nova no ar.

Antes de mais nada, vamos deixar uma coisa clara aqui: Ian não era meu namorado. Nem ex, nem futuro, nem quem-sabe-um-dia namorado. Éramos grandes amigos, companheiros de trabalho e de enrascadas, e nos encontrávamos às vezes para um bate papo e outras coisas que não preciso dizer.

- Acabaram de encontrar uma garota morta num prédio perto daqui – ele respondeu apreensivo. – O Ricardo nos quer no local do crime imediatamente.

Esbocei uma careta.

- E por que a gente? – perguntei. Eu estava com uma preguiça do cão de sair da cama. – Não somos os únicos naquela delegacia!

- Porque você é a responsável pelo caso do ator Bernardo Monteiro.

Encolhi os ombros.

- E daí?

Ian respirou fundo.

- E daí que a menina encontrada era namorada dele.

- Não me fode – resmunguei e pulei da cama, correndo para o chuveiro. Tomei o banho mais rápido de toda a minha vida e saí apressada.

O prédio ficava realmente perto de onde eu morava, o que nos fez chegar minutos depois, junto com Bernardo. Ele revirou os olhos quando me viu e eu controlei a vontade de manda-lo ir até a esquina para ver se me encontrava. Passei por ele sem cumprimenta-lo e subi até o apartamento, onde Ricardo nos aguardava. O prédio era bem alto, diferente do que morava a namorada anterior, e a atual vítima tinha bom gosto para decoração. Apesar de ser um imóvel pequeno, era decorado com móveis antigos e praticamente todos em tons claros. As cores ficavam por conta dos objetos menores e das almofadas em cima do sofá. No meio da sala, outro saco preto. A expressão do ator, que vinha logo atrás de mim, foi de dúvida para dor em segundos.

- Eu sinto muito – murmurei ao seu lado e ele soltou, novamente, sua risada irônica.

- Se fizesse seu trabalho com competência, a Luiza ainda estaria aqui.

Pensei em argumentar, mas deixei passar, afinal o cara tinha acabado de encontrar o corpo de mais uma namorada. Pedi licença a Ricardo e fui conversar com Caio, que examinava o corpo. Fiz minha oração e esperei que ele se levantasse.

- E aí doutor – cumprimentei-o em voz baixa. – Qual o diagnóstico dessa vez?

Ele suspirou.

- Quebraram o pescoço dela há mais ou menos sete horas – ele respondeu. – Ana, não sei o quanto isso te ajuda nas investigações, mas o assassino é um profissional. Se não for alguma máfia tentando pegar o ator, então estão contratando gente para matar essas meninas.

Concordei com um aceno de cabeça.

- Isso não faz sentido – murmurei. – Até onde eu vi nada foi roubado. Eles querem as meninas e eu não consigo imaginar o motivo.

Passei a mão pelo rosto e fui me juntar a Ricardo e Ian, que conversavam com o ator. Abri meu bloquinho e fiz algumas anotações.

- Bernardo, você pode me falar um pouco sobre a Luiza, por favor? – pedi.

- Por quê? – ele retrucou em um tom bastante rabugento. “Para eu tatuar na testa”, pensei em responder, mas apenas suspirei, olhando-o entediada. – Luiza Martins, 23 anos, recém-formada em Odontologia.

- Ela já estava trabalhando?

- Sim, herdou o consultório do avô, que se aposentou há alguns meses.

Acrescentei mais esses detalhes e o encarei.

- Bom, eu vi você chegando e tudo mais – falei cautelosamente. – Mas preciso saber onde você esteve o dia todo hoje.

Ele revirou os olhos.

- Você é cheia das perguntas, mas resposta que é bom, não tem nenhuma!

Ian o repreendeu, lembrando-o de que estava falando com uma autoridade. Bernardo não se abalou e manteve o nariz quase no teto de tão empinado.

- Onde você esteve durante todo o dia? – insisti.

- Gravando, tá legal? – ele respondeu quase gritando. – Fiquei o dia todo enfiado no estúdio, trabalhando, porque alguém tem que fazer isso aqui, né? Tenho testemunhas, senhora investigadora.

- Que bom para você! – respondi irônica e fechei meu bloquinho. Caio me chamou e fui até ele.

- Acho que temos mais uma surpresinha – disse apontando para a mão de Luiza. Como já estava de luvas, o médico pegou o papel rosa fluorescente.

- Ao meu ídolo, com amor... – li.

Todos os olhares se voltaram para Bernardo, que se espantou.

- Isso é o que eu chamo de uma base dedicada de fãs – zombou Ian. Antes que o ator pudesse responder, colocamos o bilhete no saco plástico e fomos para a delegacia. Aquele final de semana seria de muito trabalho.

17 de março de 2011

Corri por entre os carros estacionados na lanchonete. Se eu bem conhecia minha amiga, ela me passaria um sermão por estar dez minutos atrasada para o nosso encontro mensal. Como nossas agendas estavam mais do que lotadas, Agatha tinha decidido que sairíamos pelo menos uma vez por mês, para botar os assuntos em dia e reclamar dos homens. Ela era seis centímetros mais baixa do que eu, ficando perto de 1,62m. Era uma magrela divertida, com grandes olhos castanhos e cabelos pretos que desciam até metade de suas costas. Seu nariz era pequeno e seus lábios delicados, que pareciam nunca parar de sorrir, tal qual o policial Ian. Tinha uma paixão imensa por moda, o que fazia com que ela andasse com tudo sempre extremamente combinando e vivesse implicando comigo, que preferia roupas confortáveis e nem ligava se eram velhas ou novas. Éramos amigas há 18 anos e só ela entendia meu jeito impaciente e até grosseiro. Eu a considerava uma irmã e ela era a única que sabia exatamente de todos os acontecimentos da minha vida.

Tínhamos seguido caminhos completamente diferentes, mas que, por obra do destino, se cruzavam o tempo todo. Enquanto eu havia escolhido ser investigador, Agatha Abreu era jornalista de uma revista de fofocas. Quando algum famoso se envolvia em confusão (ou tinha duas namoradas em sua lista póstuma!), ela era a primeira a me ligar, querendo saber da veracidade dos boatos e

os detalhes mais sórdidos. Quando passei pela porta da lanchonete, ela mexia seu suco distraidamente.

- Pode ficar feliz – falei jogando minha bolsa na cadeira. – A melhor parte do almoço já chegou!

- Por quê? Já trouxeram meu hambúrguer? – Agatha perguntou e eu apenas mostrei-lhe a língua. Nos abraçamos e me sentei de frente para ela. – Você está atrasada. Não foi o pior dos seus atrasos, claro, mas dez minutos não é lá muito delicado. Pensei que fosse me dar um bolo de novo.

Revirei os olhos.

- Só fiz isso uma vez, há dois anos. Mas podemos calcular de um outro ponto de vista.

- Lá vem – Agatha revirou os olhos e se ajeitou na cadeira. Segundo ela, minhas teorias eram sempre péssimas.

- Você está adiantada. Dez minutos – falei e ela pisou em meu pé. – Ai! Sua grossa!

Conversamos por horas. Sobre a vida, os homens, o trabalho. Contei-lhe, pela primeira vez, sobre o caso de Bernardo Monteiro.

- Calma – disse ela engasgando com a batata frita. – Você está falando do ator que é o mais querido das adolescentes desde que saiu das fraldas?

Encolhi os ombros e mordi meu sanduíche.

- Ele tem uma péssima fama entre os jornalistas – Agatha continuou. – É sempre arrogante, odeia dar entrevistas e, se não

gosta de uma pergunta, por mais idiota que seja, faz um sinal e o assessor dele interrompe e acaba com tudo. E nem é grande coisa. Pode ser tipo, oi, você prefere alface ou repolho? Se ele não estiver de bom humor, já era.

- Posso imaginar – respondi. – Sempre que eu tento descobrir onde ele estava antes do crime acontecer, ele vem com 30 pedras nas mãos. Um dia desses ainda esqueço meu profissionalismo e devolvo 60 no meio das fuças dele.

Rimos. Era bom saber que eu não era a única que achava o ator um pé no saco. Nem mesmo seu porte másculo, seu maxilar quadrado e imponente e seus pequenos olhos castanhos faziam com que as pessoas se simpatizassem um pouquinho mais.

- Vamos lá, quem é o bonitão?

A pergunta me pegou de surpresa.

- Que bonitão?

- Ana Maria, eu te conheço – disse Agatha. – Há muitos anos que você não é mais do tipo que sorri, faz piadas o tempo todo. Só faz isso se resolveu um caso difícil ou se tem ido para a cama com alguém. O caso eu sei que é e não é, porque você ainda não resolveu os problemas do ator. Mas como não está falando freneticamente no assunto, então só pode ser um cara bonito.

Minha amiga não sabia do meu relacionamento com o policial. Até porque, se minha leitura corporal fosse eficiente como eu achava que era, Agatha nutria uma paixão platônica por ele.

Pensei uma, duas, três vezes antes de soltar o que podia ser uma bomba, dependia da reação dela.

- O Ian – soltei de uma vez e ela me olhou confusa.

- O que tem ele?

- Ele é o bonitão com quem eu durmo às vezes.

Agatha apertou os olhos, me examinando minuciosamente.

- O Ian Barbosa? Aquele Ian? O que trabalha com você?

- É, o próprio – respondi com um suspiro. – Feche a boca e pare de babar tanto. Ele é bonito e só.

- Bonito e só? Ana Maria, me poupe! – a jornalista me repreendeu. – O cara só tem um defeito nesse mundo, que é ser apaixonado por você. Céus, o que eu não daria por uma noite naqueles braços?

- Agatha!

Eu odiava como ela sempre reagia à simples menção do nome Ian. Ela não podia dizer apenas “oh, que máximo” ao invés de desejar uma noite selvagem com um dos meus melhores amigos? E ela também não precisava me lembrar das características físicas e das qualidades do mesmo. Estava praticamente estampado na testa de Ian que ele era o genro que todas as mães pediram a Deus. Ele era uma rapaz alto, de corpo bem definido e barriga de tanquinho, rosto quadrado e um sorriso perfeito, que pendia sempre para o lado esquerdo, fazendo dele o homem mais charmoso da cidade toda. Isso sem contar seus cabelos pretos,

sempre bagunçados, a barba por fazer e seus olhos azuis (tão claros que pareciam bolinhas de gude) e hipnotizantes. Como se não bastasse, Ian se vestia sempre impecável, ficando delicioso de todos os jeitos. Camisa, camiseta, jaqueta de couro (minha favorita), farda. Tudo fazia dele um presente para os olhos. Juntando tudo isso ao jeito doce, carinhoso e irônico, o policial era sim um homem e tanto. Mas isso não mudava o fato de ser meu melhor amigo.

- E ele é bom? – perguntou ela bastante interessada.

- Oi?

Agatha revirou os olhos.

- Você entendeu perfeitamente, Ana Maria. Ele é bom de cama?

- Me recuso a responder.

- Por favor?

- Não.

- Aninha, eu imploro – pediu ela juntando as mãos.

- Não.

- Só uma dica!

- Não, Agatha.

- Umazinha...

- Não.

- Idiota!

Para minha imensa alegria, meu celular tocou. Era uma mensagem do próprio policial e minha boca foi se abrindo à medida que eu lia.

“Adivinha só quem foi encontrada morta. Elizabeth Lima, namorada do Bernardo. Sério mesmo? Estou começando a achar que esse cara é um psicopata e tá dando um fim nas namoradas. Te esperamos na casa da menina. Endereço na próxima mensagem”.

- Puta merda – falei apressada, jogando mais dinheiro do que o suficiente em cima da mesa. – Preciso ir.

- Ah não, Ana – Agatha resmungou. – Você prometeu que ia ao cinema comigo. Não é seu dia de folga hoje?

- Eu sei, mas é uma emergência. Por que você não vai sozinha?

- Ah claro. Assim todo mundo vê que eu não tenho namorado e, muito menos, uma amiga que me acompanhe.

Revirei os olhos e sorri.

- Sem drama – beijei-lhe o rosto com carinho. – Nos vemos depois.

- Ei – gritou ela me fazendo parar na porta. – Ao menos dia ao Ian que eu mandei um beijo.

O sinal que ela recebeu não foi nada educado, mas o suficiente para que entendesse que não, eu não mandaria recado algum.

- Esse moleque deve estar metido em alguma encrenca grande – falei sozinha dentro do carro.

Fui até o endereço indicado por Ian. Era uma casa antiga, branca, num condomínio de luxo. Típico, afinal Elizabeth também era atriz e, até onde Agatha tinha me falado há algum tempo, uma das mais bem pagas do Brasil. Tinha até sido indicada ao Grammy uma vez, o que fazia dela uma das mais requisitadas para novelas, filmes, teatro, campanhas publicitárias e até mesmo beijar crianças na rua. Estacionei meu Mini Cooper atrás da viatura de Ricardo e entrei. Como eu tinha imaginado, a estrutura do imóvel era antiga, mas os móveis e a decoração eram extremamente modernos. Ouvi vozes no segundo andar e subi as escadas praticamente voando. O cheiro de sangue fresco invadiu minhas narinas assim que passei pela porta do que parecia ser a suíte de Elizabeth e meu estômago deu uma volta. Ainda seguindo os sons, fui parar no banheiro da atriz.

- Meu Deus – sussurrei ao ver o corpo imerso em uma banheira cheia do líquido vermelho. – O que houve aqui?

Ian e Ricardo se viraram para mim, ambos bastante abalados e chocados com a cena. O policial suspirou e apontou para o espelho. Um post-it laranja fluorescente com os dizeres que eu já conhecia bem: ao meu ídolo, com amor. Demorou até que eu notasse a presença de Bernardo no local. Ele estava num canto, amparado por seu advogado, quando Clara entrou de supetão e se

jogou nos braços do ator. Respirei fundo. Ela sempre se metia onde não era chamada e me deixava irritada somente por dar o ar de sua graça.

- Oh Bê – disse ela. – Eu sinto muito mesmo!

- Por favor, quero no ambiente apenas pessoas da polícia e o ator – falei entredentes.

O ator a abraçou, tentando protege-la, mas dois policiais já estavam ao lado da fã dele, prontos para tira-la dali.

- Qual o seu problema? – Bernardo gritou. – Ela só quer ajudar!

- Muito ajuda quem não atrapalha – respondi. – Podem levar.

Não fiquei assistindo a cena de Clara sendo carregada para fora porque Caio, o médico legista, tinha acabado de chegar. Segundo sua análise superficial, Elizabeth tinha sido asfixiada com a cortina de plástico do banheiro e, ao cair, bateu a cabeça na quina da banheira, abrindo um rombo e fazendo com que sua morte fosse mais rápida. Mas ele só saberia das causas do óbito depois de um exame aprofundado. Sendo assim, o corpo de Elizabeth Lima foi retirado e levado para o IML, carregando com ele muitas perguntas e uma só resposta: a namorada seguinte seria a quarta vítima.